

“O QUE ME REALIZA É SABER QUE COM O MEU TRABALHO FAÇO PARTE DA EQUIPA DO CLIENTE E O AJUDO A CRESCER E A FAZER SEMPRE MELHOR”

Dona de uma atitude inigualável Margarida Roda Santos recusa qualquer conversa que envolva uma guerra de géneros porque acredita que muito do que se conquista (ou não) está intimamente ligado às escolhas e ao mérito de cada um. Líder de equipa desde a sua entrada em 2005, tornou-se sócia da FCB em 2017, altura em que assumiu a área de Life Sciences em conjunto com a Propriedade Intelectual e o Consumo.



MARGARIDA RODA SANTOS

Tenho a carreira que sempre quis e nunca senti qualquer discriminação, quanto mais se existe é pela positiva

De Lisboa para o mundo”. É assim que se pauta a FCB Glocal, uma rede de escritórios com ADN internacional. E o que levam, de facto, de Lisboa para o mundo? Quais são as características do vosso ADN?

Apostámos em Angola e em Moçambique e, dessa aposta, nasceu em 2017 a FCB Glocal, uma aliança entre três sociedades de advogados que trabalham em colaboração: a FCB, a EVC Advogados em Angola e a AG Advogados em Moçambique.

É assim que partimos de Lisboa para o mundo, acompanhando sempre os nossos clientes nos seus desafios internacionais - o facto de fazermos parte de networks internacionais também contribui para esta internacionalização.

Uma das nossas principais preocupações é acompanhar os nossos clientes como um parceiro, muito além da mera assessoria jurídica, e por isso acompanhamos os nossos clientes na internacionalização. Foi assim que surgiu a vontade de estarmos presentes em Angola, no ano em que entrei na FCB, e mais tarde em Moçambique.

Hoje vemos clientes que iniciaram a sua atividade em Angola e Moçambique, com os escritórios locais da FCB GLOCAL, expandirem a sua actividade para o mercado europeu e fazerem esse caminho conosco, beneficiando do nosso conhecimento do seu negócio e da nossa experiência local.

Levamos para o mundo a experiência, um conhecimento profundo das áreas de negócio que trabalhamos, uma especialização acentuada que nos permite estar sempre em constante actualização, antecipar dificuldades e pôr ao serviço do cliente a experiência e também, porque não, alguma criatividade em encontrar soluções à medida.

A atuar em diferentes jurisdições e com “um mundo de soluções”, qual tem sido o foco da FCB? O que não pode deixar de ser evidenciado no vosso modo de atuação?

O que nos distingue, e que temos conseguido transportar para outras latitudes, é o facto de para nós ser indispensável conhecer por dentro a actividade dos nossos clientes, pois só assim conseguimos antecipar problemas, entender o que é pretendido a cada momento, propor as melhores soluções e manter o cliente informado sobre o que pode ter impacto na sua atividade.

Mais do que procurar ganhar

notoriedade da forma tradicional, gostamos de deixar os clientes falar por nós e para isso focamos-nos no conhecimento, no rigor e em trabalhar os projectos em que sabemos que podemos ser uma mais-valia e que nos trazem a experiência para a cada dia sermos melhores que no dia anterior.

Margarida Roda Santos entrou na FCB em 2005 e é sócia desde 2017. Enquanto sócia que marca quer deixar? E na área do Direito?

O rigor, a organização e o foco em ser sempre uma mais-valia para o cliente. Sou intransigente com o facilitismo e com o desleixo procurando com a minha equipa sempre chegar ao melhor. Isto sempre conjugado com um equilíbrio entre a vida pessoal e a vida profissional, porque a vida é feita de ambas as realidades e sem o equilíbrio certo não funciona. Eu própria tenho 3 filhos ainda pequenos e não abduco de estar presente quando acho que é fundamental estar e incuto o mesmo na minha equipa. Estamos quando é preciso, substituímo-nos quando assim é necessário, mas também estamos ausentes quando a vida pessoal assim nos exige.

Nesta profissão o que me realiza é saber que com o meu trabalho faço parte da equipa do cliente e o ajuda a crescer e a fazer sempre melhor. Sentir que faço parte desse processo é um desafio muito gratificante.

É Coordenadora dos Departamentos de Propriedade Intelectual, Consumo e Life Sciences da FCB. O que é mais desafiante para si? O que a fascina mais neste mundo?

Os maiores obstáculos destas áreas acabam também, em certa medida, por ser o que mais me fascina.

O elevado nível de conhecimento técnico que se requer a um advogado destas áreas, a constante actualização, as normas técnicas que vão muito além do direito e que se cruzam com áreas totalmente diferentes, requerem valências, estudo técnico e curiosidade que nos obrigam a manter focados e motivados.

São áreas onde a criatividade e a inovação estão sempre na ordem do dia, onde o diálogo com os clientes tem toda uma linguagem própria - quase em código - que leva o seu tempo a enraizar e onde o advogado acaba por dar um contributo. Fazer parte desta constante inovação torna o meu dia-a-dia um constante desafio.

Por outro lado, o que a preocupa mais nestas áreas do Direito? A que verdadeiros desafios os advogados têm de responder, atualmente, no que diz respeito ao universo do Direito e da Justiça?

Não é de agora, mas é um passado relativamente recente, que um dos principais desafios a que os advogados e juizes têm que responder é a velocidade com que as leis são alteradas e remendadas, muitas das vezes com pouco critério. Isto gera insegurança jurídica; hoje é quase impossível estar a dar uma opinião, sobre algo em que não se mexe há 6 meses, sem se ir verificar se não terá havido alterações, pois o mais provável é ter havido.

Por outro lado, a proliferação de regulamentação, que muitas vezes se cruza e duplica, obriga a um esforço de enorme “descodificação”. Tenho um cliente que usa a expressão “advogues”, para descrever o quão complexo é o nosso emaranhado de leis que obrigam necessariamente à sua interpretação por advogado, que acho que diz tudo.

Mas o Direito não se faz apenas de leis, mas também de execução no dia-a-dia e, não obstante



algumas melhorias claras em áreas específicas - o simplex na área dos registos foi seguramente uma delas -, a máquina do Estado é pesada e muito burocrática e isso é transversal.

Conta já com uma vasta carreira profissional. Enquanto mulher, numa área associada até há bem pouco tempo, maioritariamente, ao sexo masculino, teve de lidar com questões relacionadas com a desigualdade de género?

Na verdade, não. Tenho a carreira que sempre quis e nunca senti qualquer discriminação, quanto mais se existe é pela positiva. Se me pergunta se os meus sócios e colegas me tratam por igual, não hesito em dizer que sim, mas se me perguntar se a presença de uma mulher numa sala de reuniões torna as coisas algo diferentes, diria que sim, pois modera-se a linguagem, mas a isso chamo educação e não desigualdade.

Não diria que o Direito é até há bem pouco tempo associado ao sexo masculino. Quando eu entrei para a faculdade em 87, no curso diurno já eramos em número muito idêntico. Hoje claramente as mulheres são a maioria.

Há que ter em conta que, porventura ao contrário de outras áreas, no mercado da advocacia, o mérito é o factor essencial para o sucesso profissional.

Na magistratura, desde 2007 que se encontram mais mulheres que homens, sendo que em 2018 as mulheres eram quase o dobro dos homens, segundo os dados Pordata.

Porque é importante (ainda) evidenciar o papel das mulheres no mercado de trabalho, em geral, e nas áreas do Direito e da Justiça, em específico?

O que importa assegurar é que homem ou mulher que tenha um desempenho superior a outrem que tem a mesma função é devidamente compensado e premiado pelo seu mérito.

A advocacia é uma área muito exigente onde no percurso profissional podem por vezes surgir desequilíbrios entre a vida profissional e a vida pessoal ou familiar, mas isso cabe a cada um gerir e identificar quais são as suas prioridades e procurar o equilíbrio que precisa.

As mulheres estão devidamente evidenciadas e estou em crer que não necessitam de ajuda para se destacar e liderar, sempre que as suas qualificações, mérito, empenho e compromisso, tal como as dos homens, assim o determinem.

É autora de artigos em Propriedade Intelectual, Tecnologias da Informação, Proteção de Dados e

assuntos relacionados com as Life Sciences. Conceitos como inteligência artificial, transformação digital ou simplesmente as novas tecnologias vão ditar o futuro da advocacia? De que forma?

Já estão a ditar, mas com moderação. De resto a tecnologia e a inovação, se excluirmos os desastres naturais, sempre foram o motor das maiores alterações na humanidade.

O mundo da advocacia viveu, nos últimos 20 anos, a massificação do e-mail, e agora também o WhatsApp ainda mais imediato (quando até então se vivia entre cartas e faxes), a digitalização dos processos e as plataformas como o Citius. Salvo muito raras excepções, os advogados souberam adaptar-se à nova realidade, sob pena de também em termos pessoais perderem a evolução do mundo que passou a ser digital.

Na FCB entendemos a tecnologia como uma ferramenta e não como um capricho ou um desígnio prioritário.

Já estamos a implementar ferramentas de inteligência artificial na nossa prática e têm efectivamente nos últimos tempos surgido soluções muito úteis.

Há muito que na advocacia se usam ferramentas de gestão documental e processual. A FCB não é diferente e conta com os seus parceiros tecnológicos para investir e implementar no que faz sentido e traz valor acrescentado.

A tecnologia teve historicamente impacto no mercado de trabalho e é potencialmente eliminadora de necessidades de recursos humanos. Não obstante, na FCB entendemos que não existem organizações sem pessoas e são estas que fazem a diferença.

Não é novidade para ninguém que o Direito está longe de ser uma ciência exacta, e quer-me parecer que ainda vamos precisar de bons advogados (humanos) durante muito tempo. ■

Margarida Roda Santos - Sócia da FCB Advogados.



www.fcblegal.com